AVEIRO E AS SUAS CERAMICAS D'ARTE

UMA EXPOSIÇÃO DE BELEZA REGIONALISMO E REQUINTE

PINTORES SEM NOME MAS MAGICOS DA FAIANÇA

Eu andava já aparando o lapis da minha sensibilidade para dizer da arte exquisita destes novos oleiros da côr e da forma que parecem ter abandonado as antigas moradas de Tanagra, os bancos da Etruria e Arad para virem instalar-se aqui, à beira-rio, nesta hiponótica cidade de aguas em cujos poentes de absinto e oiro parece dormir a alma rodenbacheana de Veneza.

Por vezes, aqui e ali, nas vitrines dos cafés e estabelecimentos de luxo, alguns exemplares, tauxiados de «raro», tinham espreitado para dentro de minha melancólica curiosidade acordando-me da apática morbidez dos canais que andava no meu espirito — nenufar indolente boiando á tona das coisas e das paixões... E eu concluia, de olhos em miragem, que nesta doce cidade havia já uma industria de arte capaz de embalar, como um tapete persa, as pupilas dos artistas...

Por isso, quando os «placards» das montras anunciaram uma exposição de cerâmicas da terra, aberta para os lados da Avenida da Cidade, foi com ladainhas de entusiasmo que eu me recolhi no meu espirito e logo tomei o proposito de ir surpreender em quermesse ligúrica de geitos plásticos e policromismos a admiravel linha decorativa, ás vezes erudita e histórica, que eu tinha entrevisto atravez de «bibelots» caseiros, frisos elegantes e «panneaux», e pitorescas estilizações de azulejos espalhadas por todo o distrito — e onde a arte desabrochava graciosamente como uma helenica corola de luarencias!

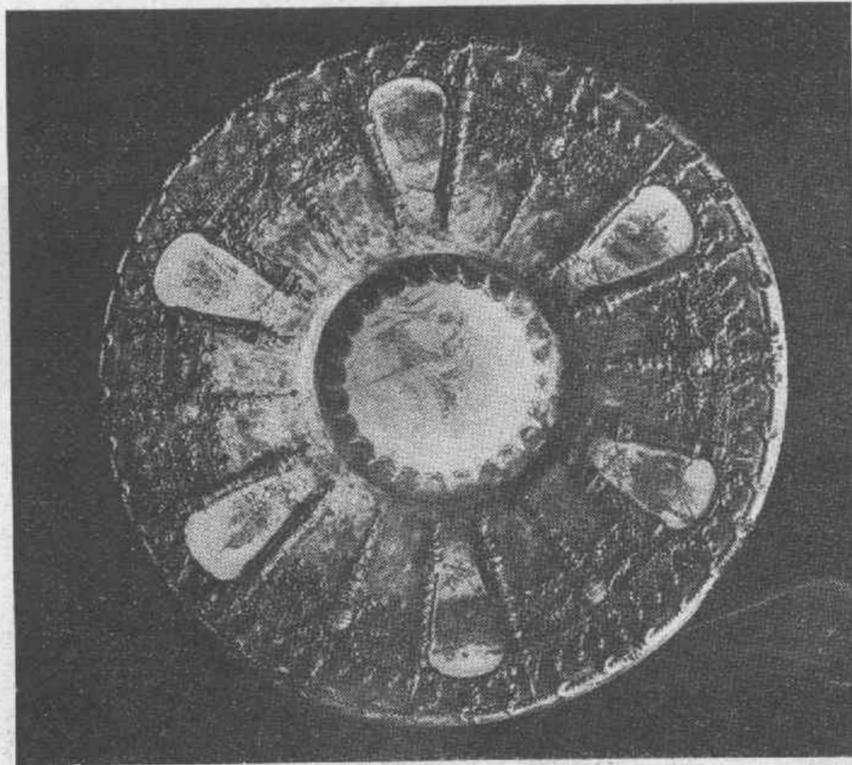
«Prato manuelino», caprichosamente trabalhado em motivos dos Jerónimos (diâmetro, 0,60)

Subi com o dr. Joaquim de Melo — meu cicerone amavel e sapiente — ao 1.º andar da exposição. Logo num salão aparatoso e confortavel, com flôres e estofos, joeirado de luz e de algumas mulheres bonitas, surgiu ante minha admiração exaltada, pois tão pouco meus olhos estavam habituados a estes scenarios numa cidadesinha onde não ha um salão de festas nem interior fidalgo capaz de servir de pano-de-fundo a qualquer ambiencia de estesia. E eu regosijei com isto. Havia já um sentimento de requinte na preocupação destes inovadores. A Beleza subia, subia nos estofos e cristais, como um lago de dormencia coalhado de orquideas avassaladoras...

E nas petalas destas orquídeas, pintalgadas de exotismo — que surpreendente e curiosa primavera etrusca a vicejar por toda a sala! Deambulei durante tempo, que não quis limitar depressa, e de sensibilidade em ansia, por toda o jardim nipónico da exposição, um jardim de arte, só para almas raras — a despeito do turbulento epitáfio do Livro de Visitantes — onde não faltavam as paisagens de «madame Chrysanthéme», do pincel de Loti, os bambús, os lagos parados, as cegonhas esbeltas, emfim toda a alma miniatural do Japão modelada em vasos, bengaleiros, «solitarios» e um numero grande de jarras preciosas, cantantes de côr...

Mas entre todos os objectos que decoravam este palco sinfónico de plasticisações admiraveis, dois grandes pratos avultavam, imponentes de trabalho artistico e de extraordinarias dimensões, ambos arrancados ao coração fremente da nossa historia. Um, chamado o «prato monstro» de 1,m24 de diametro e por motivo central o episodio do Adamastor, com uma cercadura de bombardas e armas de combate, encimadas pela Cruz de Cristo. Outro, o «prato manuelino», vidrado a esmaltes artisticos, modelado numa preciosa cinzeladura copiando o relevo arquitectónico dos Jeronimos; no fundo a figura de Pedro de Alemquér dirigindo a construção das náus; no entrêmeio dos relevos alguns quadros a esmaltes de côres com episodios do descobrimento da India. Desta ultima peça havia ainda um exemplar em «chacote» igualmente sugestionante pelos lavores manuelinos do seu talhe.

Um aspecto da exposição

E quer numa ou noutra peça, além da delicadeza milagrosa da factura, onde parecem ter trabalhado mãos esculturais de renda gótica, o pensamento altivolo que presidiu á sua concepção

Carlos Aleluia

Gervásio Aleluia

criadora revela uma pujança mental que é o melhor diploma com que se podem apresentar os dois moços artistas que lhes deram forma.

Mas seria longo detalhar aqui o rosario florido de minhas impressões. A sala era toda ela um maravilhoso aquario de Beleza a banhar as coisas! Os dragões de estilo «chinez», a policromia do «persa», o azul-maté do «grego», os coloridos faustosos «Luiz XV» as jarras elegantes, pratos, bengaleiros, «cache-pots», «potiches», cinzeiros, caixas de pós de arroz, bengaleiros-solitarios, serviços de chá anforas, alfinet›iras, placas artisticas com figuras, azulejos de fantasia para mobiliario, motivos locais, pinturas de barcos e de velas... — a linha formal e a linha da côr, ambas se casavam harmoniosamente num sonho de requinte e de graça! Esbanjada prodigamente sobre este museu estético de tanagrenses, uma primavera dionisiaca de colorações, rica de tonalidades acres, cheia de sol, a delirar de sol — o sol dos canais e marinhas — dava ao estilo bisantino desta arte caprichosa, uma fisionomia luminosa, luminosamente regional. Ainda bem.

* * *

Deixei para o fim o nome dos organisadores deste belo certâme de faianças estilizadas e o nome dos seus estilizadores.

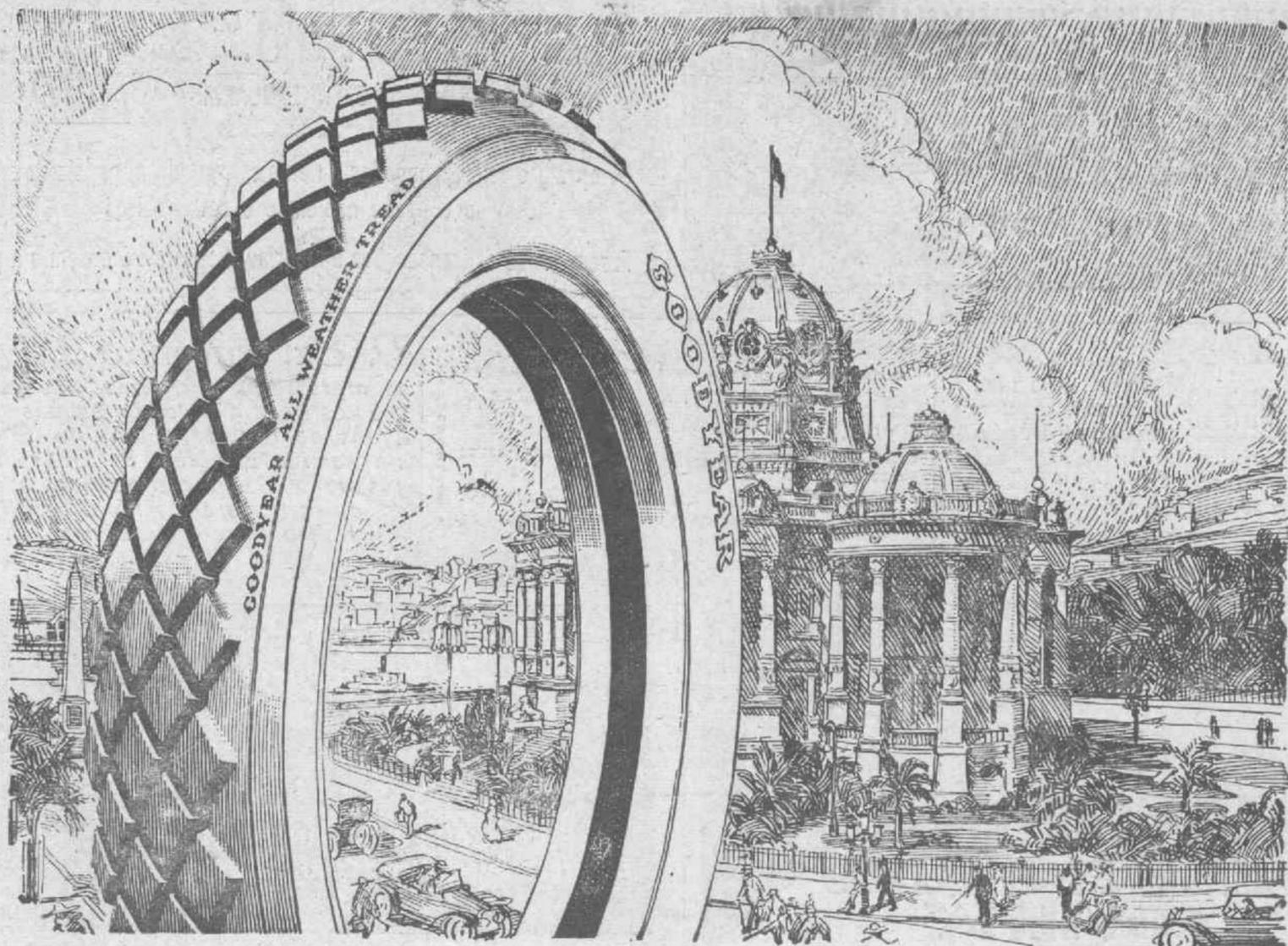
Foi a Fabrica Aleluia que deu a Aveiro este mercado de Beleza — que irá falar de Aveiro, com orgulho alto, ás exposições do Rio de Janeiro e em breve ao Congresso Beirão, de Coimbra. Por isso para a Casa Aleluia, onde os proprietarios são artistas e os artistas moços de sentimento, vai o louvor de meu espirito encantado. Aos dois moços, filhos da casa, cujos retratos esmaltam esta página, a admiração que merece a sua obra — uma obra desconhecida, que o publico ignorava, mas com que triunfaram e se impuzeram. E' deles todo o bizarro embrincado de japonezarias em que vi o barro acordar, florido de graça. Os seus nomes: Gervasio e Carlos Aleluia — dois nomes modestos mas o nome de dois pintores de magias, de dois oleiros emotivos em cuja arte parece reflectir-se o vibratil sonho plastico dos modeladores da Etruria!

O país vai voltar-se para Aveiro.

Recortada na graça melodiosa das tricanas e na linha esbelta da asa das gaivotas, esta nova indústria desabrocha à beira do Vouga, com exuberância, com riqueza, cheia do sol das marinhas — um sol de prodígios e de Beleza!

Lusa-Veneza.

ANTONIO DE CERTIMA

«Prato monstro», representando o episódio do «Adamasto» (Diâmetro 1,24)

Palacio Monroe, Rio de Janeiro, Brazil

O «Goodyear» é um rodado para todo o tempo

Defende-se a si próprio

CADA RODADO «ANTIDERAPANT» É FEITO SIMPLESMENTE FORMANDO UM DESENHO NA RODA COM PEQUENAS SUPERFICIES DE BORRACHA SEPARADAS

O «Goodyear» rodado para todo o tempo é verdadeiramente um rodado especial, Nem a mais pequena impuresa está metida na sua borracha.

Este rodado especial consiste num bloco tão duro e tão elástico que chega a durar uma imensidade de tempo.

A sua duração só acaba depois de muitas leguas feitas, pois no seu fabrico são perfeitamente selecionados e destruidos todos os que tenham a mais pequena imperfeição.

A superficie especial que por si se defende no rodado «Goodyear mostra muitas vantagens. Tendo muitos intervalos, em que cabem facilmente coisas pequenas, diminue desta maneira a frequência dos pequenos buracos do rodado.

Este cientifico desenho do rodado é um facto da colocação dos pneus «Goodyear», dando uma alta vantagem para todo o mundo.

Pneus "Goodyear" medidas em milimetros e polegadas

CORVACEIRA, MARIANO & GOMES, L.DA

Representante em Portugal e Colonias

Rua dos Fanqueiros, 250, 1.º—LISBOA